

Autor e Organizador  
Maikom Joaquim Barbosa Ecard da Silva

# **ALÉM DO EMPÍRICO:** REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE CIÊNCIA, VERDADE, ÉTICA E CONHECIMENTO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA



Compartilhando conhecimento

Autor e Organizador  
Maikom Joaquim Barbosa Ecard da Silva

# **ALÉM DO EMPÍRICO:** REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE CIÊNCIA, VERDADE, ÉTICA E CONHECIMENTO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA



Compartilhando conhecimento

---

*ALÉM DO EMPÍRICO:  
REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE CIÊNCIA, VERDADE, ÉTICA E  
CONHECIMENTO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA*

---

ISBN: 978-65-88890-47-9

DOI: doi.org/10.36599/editpa-978-65-88890-47-9

**Editor Chefe**

Dr. Washington Moreira Cavalcanti

**Conselho Editorial**

Dr. Lais Brito Cangussu

Dr. Rômulo Maziero

Msc. Jorge dos Santos Mariano

Dr. Jean Canestri

Msc. Daniela Aparecida de Faria

Dr. Paulo Henrique Nogueira da Fonseca

Msc. Edgard Gonçalves da Costa

Msc. Gilmara Elke Dutra Dias

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Departamento de arte Synapse Editora

**Editoria de Arte**

Maria Aparecida Fernandes

**Revisão**

Os Autores

Autor e Organizador:

Maikom Joaquim Barbosa Ecard da Silva

Autora e Revisora:

Thalyta Botelho Monteiro

Autora e Revisora:

Carla Ribeiro Macedo

Autor e Revisor:

Welerson Machado da Silva

Autor e Revisor:

Rodrigo Correia Muniz

Autora e Revisora:

Jolúcia Santos de Jesus

Autor e Revisor:

Flavio Costa de Cerqueira

Autora e Revisora:

Gizeli Aparecida Fazanaro Casimiro

2024 by Synapse Editora

Copyright © Synapse Editora

Copyright do Texto © 2024 Os autores

Copyright da Edição © 2024 Synapse Editora

Direitos para esta edição cedidos à

Synapse Editora pelos autores.

Todo o texto bem como seus elementos, metodologia, dados apurados e a correção são de inteira responsabilidade dos autores. Estes textos não representam de forma alusiva ou efetiva a posição oficial da Synapse Editora.

A Synapse Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Os livros editados pela Synapse Editora, por serem de acesso livre, *Open Access*, é autorizado o download da obra, bem como o seu compartilhamento, respeitando que sejam referenciados os créditos autorais. Não é permitido que a obra seja alterada de nenhuma forma ou usada para fins comerciais.

O Conselho Editorial e pareceristas convidados analisaram previamente todos os manuscritos que foram submetidos à avaliação pelos autores, tendo sido aprovados para a publicação.



Compartilhando conhecimento

**2024**

---

*ALÉM DO EMPÍRICO:  
REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE CIÊNCIA, VERDADE, ÉTICA E  
CONHECIMENTO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA*

---

S586e Silva, Maikom Joaquim Barbosa Ecard da

*Além do Empírico: Reflexões Filosóficas sobre Ciência, Verdade, Ética e Conhecimento na Sociedade Contemporânea.*

Autor e Organizador: Maikom Joaquim Barbosa Ecard da Silva,  
Autores: Thalyta Botelho Monteiro, Carla Ribeiro Macedo,  
Welerson Machado da Silva, Rodrigo Correia Muniz,  
Jolúcia Santos de Jesus, Flavio Costa de Cerqueira,  
Gizeli Aparecida Fazanaro Casimiro.

Belo Horizonte, MG: Synapse Editora, 2023, 36 p.

Formato: PDF

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-88890-47-9

DOI: [doi.org/10.36599/editpa-978-65-88890-47-9](https://doi.org/10.36599/editpa-978-65-88890-47-9)

1. Ciência 2. Sociedade Contemporânea, 3. Ética e Conhecimento,  
4. Filosofia, Reflexões Filosóficas.

I, *Além do Empírico: Reflexões Filosóficas sobre Ciência, Verdade, Ética e Conhecimento na Sociedade Contemporânea.*

II. Maikom Joaquim Barbosa Ecard da Silva

CDD: 370 - 378

CDU: 37 - 378/37

**SYNAPSE EDITORA**

Belo Horizonte – Minas Gerais

CNPJ: 40.688.274/0001-30

Tel: + 55 31 98264-1586

[www.editorasynapse.org](http://www.editorasynapse.org)

[editorasynapse@gmail.com](mailto:editorasynapse@gmail.com)



Compartilhando conhecimento

**2024**

---

*ALÉM DO EMPÍRICO:  
REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE CIÊNCIA, VERDADE, ÉTICA E  
CONHECIMENTO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA*

---

## APRESENTAÇÃO

A relação entre ciência, filosofia e ética tece um vasto campo de questionamentos sobre a condição humana e a construção do conhecimento. Este capítulo busca explorar essas intersecções a partir de cinco obras fundamentais que iluminam as complexidades do saber e as nuances da experiência humana. As reflexões de Diderot, Nietzsche, Fourez, Hempel e Humphreys não apenas desafiam as concepções tradicionais, mas também revelam a pluralidade de interpretações que coexistem na ciência, na filosofia e nas práticas sociais, cada uma contribuindo para uma compreensão mais profunda dos valores e dilemas que nos cercam.

Denis Diderot, em *O Sobrinho de Rameau*, traz à tona um diálogo vivo e cínico que diseca as contradições humanas e o conflito entre virtude e vício, revelando a essência teatral da sociedade e suas hipocrisias. O protagonista, de caráter dúbio, desvela não apenas a sociedade do Iluminismo, mas também questiona valores morais que ainda ecoam na atualidade, provocando o leitor a refletir sobre as intenções por trás das ações humanas e as nuances da ética.

Já em *Sobre a Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*, Friedrich Nietzsche questiona a própria noção de verdade, que considera uma construção de convenções sociais, desvinculada de qualquer essência absoluta. Ele desafia a ideia de uma realidade objetiva, apontando que a verdade é uma ilusão necessária para a convivência humana. Nietzsche oferece uma perspectiva crítica que desperta no leitor o impulso de reavaliar aquilo que considera verdadeiro, incentivando uma visão mais cética e complexa sobre o conhecimento.

Com *A Construção das Ciências*, Gérard Fourez amplia o debate ao explorar o papel da ciência na sociedade, defendendo a coexistência e o valor dos diferentes saberes. Fourez enxerga a ciência como um empreendimento



Compartilhando conhecimento

**2024**

---

*ALÉM DO EMPÍRICO:*  
*REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE CIÊNCIA, VERDADE, ÉTICA E*  
*CONHECIMENTO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA*

---

cultural e social que interage com outras formas de conhecimento, como a religião e a arte. Sua visão pluralista promove uma convivência mais harmônica entre as várias esferas do saber e ressalta a importância da ciência como uma construção social, abrindo espaço para um entendimento mais inclusivo do que consideramos verdadeiro e significativo.

No âmbito do método científico, *Investigação Científica: Invenção e Verificação*, de Carl Hempel, questiona os critérios de validação e as práticas da ciência moderna. Suas críticas ao empirismo estrito revelam a complexidade de tornar a ciência uma prática universalmente aplicável, apontando para as limitações da objetividade. Hempel nos lembra que o método científico, apesar de sua importância, também é uma construção metodológica que depende de conceitos que, por vezes, não capturam completamente a realidade.

Finalizando, *A Transação da Sala de Chá*, de Laud Humphreys, aborda as interações impessoais em espaços públicos e provoca reflexões sobre o papel do observador na pesquisa sociológica. A obra não só questiona normas sociais, mas também explora os dilemas éticos que envolvem a investigação científica de fenômenos sociais marginalizados. Humphreys destaca a responsabilidade ética na sociologia, reforçando que a busca pelo conhecimento implica consequências sociais que precisam ser cuidadosamente ponderadas.

Concluindo, este capítulo convida o leitor a uma reflexão sobre a natureza da verdade, da ciência e da moralidade, mostrando como essas abordagens se entrelaçam e moldam nossa percepção de realidade. Em um mundo marcado por transformações rápidas e contínuas, a leitura dessas obras instiga uma visão crítica e profunda do saber, estimulando uma apreciação mais consciente e ética do papel do conhecimento em nossas vidas. Que essas reflexões inspirem não apenas o entendimento, mas também a construção de um diálogo enriquecedor com os leitores sobre o impacto dessas ideias no cenário contemporâneo.

*MAIKOM ECARD*



Compartilhando conhecimento

**2024**

## INDICE

O Sobrinho de Rameau .....	8
DOI: <a href="https://doi.org/10.36599/editpa-978-65-88890-47-9_001">doi.org/10.36599/editpa-978-65-88890-47-9_001</a>	
Sobre a Verdade e Mentira no sentido Extra-Moral .....	16
DOI: <a href="https://doi.org/10.36599/editpa-978-65-88890-47-9_002">doi.org/10.36599/editpa-978-65-88890-47-9_002</a>	
A Construção das Ciências .....	20
DOI: <a href="https://doi.org/10.36599/editpa-978-65-88890-47-9_003">doi.org/10.36599/editpa-978-65-88890-47-9_003</a>	
Investigação Científica: Invenção e Verificação .....	25
DOI: <a href="https://doi.org/10.36599/editpa-978-65-88890-47-9_004">doi.org/10.36599/editpa-978-65-88890-47-9_004</a>	
A Transação da Sala de Chá .....	29
DOI: <a href="https://doi.org/10.36599/editpa-978-65-88890-47-9_005">doi.org/10.36599/editpa-978-65-88890-47-9_005</a>	
Sobre o Autor .....	34

# O Sobrinho de Rameau

**Maikom Joaquim Barbosa Ecard da Silva**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Espírito Santo  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8540-5220>  
Email: maikom.ecard@ifes.edu.br

**Thalyta Botelho Monteiro**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Espírito Santo  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8856-5038>  
Email: thalyta.monteiro@ifes.edu.br

**Carla Ribeiro Macedo**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Espírito Santo  
<https://orcid.org/0009-0007-2032-5987>  
Email: carla.macedo@ifes.edu.br

**Welerson Machado da Silva**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Espírito Santo  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7290-8910>  
E-mail: welerson.silva@ufv.br

**Rodrigo Correia Muniz**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-2588-2954>  
Email: correiamuniz@yahoo.com.br

**Jolúcia Santos de Jesus**  
Universidade Federal de São Carlos  
<https://orcid.org/0000-0003-3137-0947>  
Email: jolucia@estudante.ufscar.br

**Flavio Costa de Cerqueira**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Espírito Santo  
<https://orcid.org/0009-0001-0268-1896>  
E-mail: flacoscer@hotmail.com

**Gizeli Aparecida Fazanaro Casimiro**  
Universidade Federal de São Carlos  
<https://orcid.org/0009-0004-5773-1725>  
Email: gizeli\_f@hotmail.com

*Texto Base: DIDEROT, Denis. O Sobrinho de Rameau. In: CHAUI, M. S.; GUINSBURG, J. (Trad.). Diderot: textos escolhidos, Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 103 - 203.*

O Sobrinho de Rameau<sup>1</sup> de Denis Diderot é um diálogo filosófico escrito no século XVIII. O texto apresenta uma conversa entre o narrador (Eu) e o sobrinho de Rameau (Ele), um personagem altamente satírico. O sobrinho de Rameau é uma figura excêntrica e carismática que expressa pontos de vista extremamente cínicos sobre a sociedade, a moralidade e a arte. O diálogo gira em torno das ideias do sobrinho, que muitas vezes são provocativas e desafiadoras. Diderot utiliza essa obra para explorar críticas sociais, políticas e culturais da época.

Diderot escreveu esta "sátira" em um momento difícil de sua vida. Ao se aproximar dos cinquenta anos, ele enfrentava crescentes dificuldades com a publicação da *Encyclopédie*. O *Sobrinho de Rameau* é a resposta de Diderot a esses desafios, sendo, antes de tudo, uma acusação satírica contra os inimigos da *Encyclopédie*. Diderot colhe as confidências desse personagem secundário que, no entanto, conhecia bem os inimigos dos filósofos. Representando todo o grupo desses inimigos, Rameau oferece a Diderot, a oportunidade de se vingar, expondo suas tramas.<sup>2</sup>

No mundo real, Jean-François Rameau (1716 - 1777) foi músico e sobrinho do famoso compositor Jean-Philippe Rameau (1683 - 1764), alcançando fama literária póstuma através do diálogo homônimo escrito por Diderot. Não se sabe se a conversa real aconteceu em uma única sessão após o jantar ou se Diderot, desejando fazer diversos estudos antes de

<sup>1</sup> Título original: Le Neveu de Rameau

<sup>2</sup> ANTICSTORE. Portrait of Jean-François Rameau - Rameau's Nephew: His posthumous literary fame thanks to Diderot. Available from: <https://www.anticstore.art/108413P>. Accessed on september 14, 2024.

finalizar sua obra, conseguiu organizar várias sessões com seu modelo inspirador em um curto espaço de tempo. É difícil formar uma opinião definitiva sobre isso. No entanto, apesar de serem personagens reais, neste contexto eles são metáforas, em que Diderot dialoga consigo próprio.

Antes de analisarmos a obra mais profundamente, vale descrever um pouco sobre o seu autor. Denis Diderot, embora menos conhecido que seus contemporâneos Voltaire e Rousseau, foi uma figura central entre os *Philosophes* do Iluminismo. Sua obra mais ambiciosa, a *Encyclopédie*, teve um papel transformador na sociedade. Este compêndio de conhecimento, que ele e outros intelectuais criaram, não apenas forneceu informações úteis ao público, mas também buscou modificar a fundo "a maneira como as pessoas pensam". A *Encyclopédie* foi um marco da Era da Razão e muitos acreditam que sua disseminação de ideias iluministas contribuiu para a eclosão da Revolução Francesa.

Embora a *Encyclopédie* tenha sido um sucesso editorial, Diderot enfrentou dificuldades financeiras durante grande parte de sua vida. O que ocorria, é que mesmo "avaliando" as questões éticas e morais da sociedade, Diderot era boêmio e desordenado. Além disso, casado com Antoinette e pai de Angélica, tinha como amantes a Sra. Sophie Volland e a Sra. de Puissieux, "também atormentada por problemas econômicos" (p. 11). Paralelamente ao trabalho da *Encyclopédie*, Diderot exercia outras atividades. Ele também chegou a receber ajuda "da famosa Madame Pompadour, amante de Luís XV", mas satisfazer os diversos encargos com seus amores não era nada fácil (p. 13). Sua estabilidade veio apenas mais tarde, graças ao apoio de Catarina, a Grande<sup>3</sup>, que comprou sua biblioteca e o nomeou seu curador vitalício.

Diderot chegou a afirmar momentos antes de sua morte, que "o primeiro passo para a filosofia é a incredulidade" (p.14). Sua forma de pensar se alinha com as correntes materialistas que emergiram do avanço das ciências naturais, que remontam ao final da Idade Média. Trata-se de uma época em que a Europa passou a se afastar dos conceitos voltados a Deus e começou a direcionar seu foco para o mundo físico e material. A partir desses pensamentos, a Enciclopédia foi proibida de propagar-se, sob alegações de que ela ameaçava a religião e comprometia a fé da população (p. 13-16).

Através de sua obra, O Sobrinho de Rameau, Denis Diderot, mergulha nas complexidades da relação entre conhecimento e ética. A questão central que permeia a narrativa é a seguinte: "sou Ser ou Devir/não-ser?". Essa incerteza existencial espelha a tensão do autor perante a dualidade fundamental.

---

<sup>3</sup> Imperatriz Russa (1762-1796)

O desenvolvimento argumentativo entre o filósofo e o sobrinho de Rameau revela um monólogo interno no qual Diderot, por meio da figura de Rameau, expressa suas reflexões sobre a sociedade e suas contradições. Através da ironia e do humor, o autor aborda questões filosóficas sobre educação, arte e música, explorando as tensões entre idealismo e realidade, revelando a verdade nas entrelinhas. O diálogo destaca a busca pelo equilíbrio, sugerindo que a verdadeira virtude está na aceitação responsável das circunstâncias, sem moralizações rígidas, mas com uma compreensão profunda das nuances humanas. Desse modo, Diderot propõe uma ética que valoriza a responsabilidade individual, sem deixar de lado a complexidade das situações que a vida impõe.

Assim, as características intrínsecas da obra sugerem a formulação de uma hipótese inicial: quando um autor consegue comunicar nuances da ambiguidade em sua relação com o conhecimento, evitando a mera repetição, ainda que seja de forma mais ou menos original e, ao invés disso, desafia um sentido compartilhado, em que o próprio texto emerge como um questionamento ao leitor - esse processo atualiza a conexão do leitor com seu conhecimento e ignorância. A concepção do texto literário como um ponto de encontro convida à análise de "O Sobrinho de Rameau" sob a ótica da escrita, onde a articulação entre o conhecimento do autor e sua ética é transmitida e exibida através de um estilo peculiar. Pode-se assim dizer, que os personagens de Diderot se encontram num tempo em que não há começo nem fim – isto é - um espaço onde não existem fronteiras.

Diderot assume uma postura distante dos ideais inatingíveis e da autocomplacência. A narrativa não busca impor conclusões rígidas, mas desafia o leitor a refletir sobre a natureza humana e a complexidade das escolhas éticas. A obra sugere uma visão mais realista e humana da existência, destacando a importância do humor como resposta à falta de sentido. Essa análise aponta para a riqueza e a profundidade do texto de Diderot, onde sua forma é habilmente empregada para explorar questões de maneira envolvente e desafiadora.

Esse contexto pode ser bem mais compreendido em alguns momentos do diálogo em toda obra, cujos fundamentos descrevem uma visão crítica e filosófica caracterizada pelo autor, paralelamente, alinhada ao seu contexto histórico, tais como a polêmica iniciada com a *Querelle des Bouffons*<sup>4</sup>, em 1752, quando Diderot coloca uma questão na boca do sobrinho (p. 180):

ELE – Na sua opinião, senhor Filósofo, não é muito estranho que um estrangeiro, um italiano, um Douni, venha realçar nossa música, submeter nosso canto a todos os movimentos, compassos, intervalos e declamações, sem ferir a prosódia?

---

<sup>4</sup> Uma controvérsia, envolvendo particularmente a ópera, sobre os méritos respectivos da música francesa e italiana em Paris. Disponível em: <http://www.rameau2014.fr/index.php/eng/Articles/Divers/Querelle-des-Bouffons>

Nessa interrogativa sobre a música italiana, Diderot retoma o debate acerca da supremacia entre as tradições musicais francesa e italiana. Inicia-se, então, uma discussão que se estenderá por todo o diálogo, envolvendo tanto questões gerais sobre a arte quanto a disputa específica entre as duas escolas musicais no século XVIII, especialmente no contexto francês.

Além da arte, o olhar do Filósofo trata a ordem natural de maneira imparcial, afirmando que ela não pode ser classificada como boa ou má. Contudo, o sobrinho de Rameau não se refere à ordem natural, mas sim à estrutura social, onde as desigualdades são profundas e perpetuadas. Ele critica essa "economia social" onde uns têm em excesso, enquanto outros carecem do básico (p. 194):

ELE – [...] Mas, se está na natureza ter apetite [...], não acho que seja uma boa ordem aquela onde não se tem sempre o que comer. Que diabo de economia! Homens que regurgitam tudo, enquanto outros, dotados de um estômago tão inoportuno quanto o deles, não têm o que pôr entre os dentes.

Ao retomar a questão levantada por Diderot, percebe-se que esta não é comum, pois dependendo da resposta dada, devem ser implementadas políticas diferentes. Se formos o que somos por natureza e não por aprendizagem, teríamos que ser consistentes e ditar leis que encorajassem todos a manter o seu estatuto, uma vez que as pessoas não poderiam mudar as suas capacidades através da aprendizagem. Diderot tem dificuldade em admitir que assim seja e por isso escreve (p. 130):

ELE – O meio e o fim é que esclarecem as trevas do começo.

Estas palavras de Rameau são uma porta aberta à esperança de um futuro social onde prevaleçam a igualdade, a liberdade e a fraternidade, porque determinam que o Ser não importa, mas que a única coisa que define o homem é o Devir; isto é, que a educação pode transformar o homem e que isso não é determinado por deficiências ou vantagens do seu Ser. Contudo, dependerá do ambiente social e do aprendizado que o indivíduo adquiriu ao longo da vida.

A crítica do Sobrinho ao mundo social é radical e inesperada. Ele não mira a nobreza ou o clero, como seria comum em tempos pré-Revolução Francesa. Em vez disso, seu ataque está direcionado ao Terceiro Estado, a burguesia, o grupo que viria a liderar a Revolução, revelando um olhar agudo sobre as hipocrisias e contradições desse estrato emergente (p. 197):

ELE – Mas preciso de boa cama, boa mesa, roupa quente no inverno, roupa fresca no verão, repouso, dinheiro e muitas outras coisas. Portanto, prefiro devê-los à benevolência do que adquiri-los pelo trabalho.

EU – É que sois preguiçoso, glutão, frouxo, e tendes uma alma enlameada.

A visão mecanicista defendida pelo Sobrinho sugere que a natureza segue uma ordem inevitável de causas e efeitos. Ele defende que os esforços educacionais são inúteis se vão contra a essência de alguém. Reforçando o determinismo, a natureza, para ele, não pode ser julgada como boa ou má, e tentar alterar seu curso é causar mais mal do que bem (p. 182):

ELE – Trabalharia inutilmente, creio. Se estiver destinado a ser um homem de bem, não o prejudicarei. Mas, se a molécula quisesse que fosse um pulha como o pai, os esforços para torná-lo um homem de bem ser-lhe-iam altamente prejudiciais: a educação, atravessando incessantemente o caminho da molécula, faria com que fosse atraído por duas forças contrárias e estaria sempre cambaleando no caminho da vida, como muitos que vejo coxeando no bem e no mal; é o que chamamos de insignificante.

Em outra fala, o Sobrinho sintetiza seu pensamento, subvertendo completamente os valores tradicionais. Para ele, o que é considerado vício pode, na verdade, ser virtude, e vice-versa, demolindo assim o racionalismo iluminista. Essa inversão de valores coloca a Razão em crise, como Hegel destacou em sua análise da obra, sugerindo que a única saída para a Razão seria admitir o irracional, personificado na figura do Sobrinho (p. 157):

ELE – Quiseram-me ridículo, assim me fiz. Quanto aos vícios; a despesa ficou por conta da natureza. Quando digo vicioso, digo-o apenas para falar vossa língua, pois se viéssemos a nos explicar, poderia ocorrer que chamásseis vício o que chamo virtude, e virtude o que chamo vício.

O outro grande debate reside em saber o que determina a arte, especialmente a música (p. 171):

EU – O modelo de toda arte imitativa encontra-se na natureza. Qual o modelo de um músico quando compõe um canto? [...] Confessarei que a questão está acima de minhas forças. Somos todos assim: temos na memória somente palavras que cremos compreender por seu uso frequente e por sua aplicação correta; mas no espírito há somente noções vagas. [...]

Ao definir o canto como uma imitação sonora da natureza e da arte, o Sobrinho toca numa questão central do século XVIII: a relação entre técnica e natureza. Ele propõe que as belas-artes podem ser tanto fruto da técnica quanto uma inspiração natural, levantando uma questão fundamental para o desenvolvimento da filosofia kantiana e o debate sobre os limites entre o mundo natural e o mundo humano (p. 171):

ELE – Por meio da voz ou do instrumento, o canto é uma imitação sonora de ruídos físicos e dos acentos da paixão inventada pela arte ou inspirada pela natureza, conforme vos agrada. E vede que, mudando aqui e acolá o que for preciso, tem-se a definição conveniente da pintura, da eloquência, da escultura e da poesia.

O Filósofo hesita e, por momentos, parece concordar com o argumento do Sobrinho. No entanto, logo se revelará a distinção entre os dois. Na "dança da vida", como mais tarde se referirá o Filósofo, há alguém que fica de fora, sugerindo que o verdadeiro poder não participa da superficialidade das "posições sociais" (p.195):

EU – Mas pela vossa conta há muitos patifes no mundo e não conheço um que saiba alguns passos de vossa dança.

ELE – Tendes razão. Em um reino somente o soberano anda. O resto só faz posições.

EU – O soberano? [...] Todo aquele que precisa de outrem é indigente e faz posições. O rei faz posições diante de sua amante e de Deus – dá seu passo de pantomima. O ministro dança como cortesão, bajulador, criado ou patife diante do rei. A massa de ambiciosos, diante do ministro, dança vossos passos de mil modos, um mais vil do que o outro. O abade de categoria, em peitilho rendado e manto longo, diante do depositário da folha de pagamento, pelo menos uma vez por semana. Palavra, o que chamais pantomima dos mendigos é a grande ciranda da terra. Cada um tem sua pequena Hus<sup>5</sup> e seu Bertin<sup>6</sup>.

Anteriormente a esse diálogo, “num tom sério e refletido”, Rameau já havia sido mais radical em suas palavras, fazendo recoar para a posteridade, aquilo que viesse representar grosso modo, algumas questões que, na verdade, representariam as sociedades de todos os tempos; cada uma com seus personagens e contextos históricos (p. 119):

EU – [...], eu iria com esta cara desfeita, estes olhos esgazeados, este colarinho desalinhado, estes cabelos desgrenhados, no estado verdadeiramente trágico em que vos encontrais. Lançar-me-ia aos pés da divindade, colaria meu rosto no chão, e sem me levantar, diria em voz baixa e soluçante: “Perdão, senhora, perdão! Sou um indigno, um infame. Foi um lamentável instante, pois sabeis que não sou homem de ter senso comum e vos prometo que nunca mais o terei em toda a minha vida”.

ELE – Sim, tendes razão. Creio que é o melhor. Ela é bondosa. O Sr. Vieillard diz que é tão boa! Também o sei um pouco. No entanto, ir humilhar-me diante de uma macaca! Gritar por misericórdia aos pés duma reles palhaça, sempre perseguida pelas vaias da platéia? Eu, Rameau, filho do Senhor Rameau, boticário de Dijon, homem de bem que nunca se ajoelhou diante de quem quer que fosse! [...] Eu, que compus peças para cravo, que ninguém toca, mas que serão, talvez, as únicas a passar para a posteridade que as executará! Eu! Eu, enfim!... Vede, senhor, não é

<sup>5</sup> Adelaide-Louise-Pauline Hus, uma rica atriz da Comédia Francesa e da alta sociedade, na era de Diderot.

<sup>6</sup> Bertin d'Antilly, rico tesoureiro das sisas. Nesse tempo, era considerado poderoso e bajulado pela sociedade parisiense.

possível. (E pondo a mão direita sobre o peito, acrescentou:) Sinto aqui algo que se ergue e me diz: Rameau, não o farás! É preciso que haja uma certa dignidade agarrada à natureza do homem e que nada pode sufocar. Desperta sem mais nem menos, sim, sem mais nem menos, pois há dias em que não me custaria nada ser tão vil quanto se queira. Nesses dias, por um vintém, lamberia o cu da pequena Hus.

EU – Alto lá, amigo. Ela é alva, bonita, jovem, doce, rechonchuda, e o que dizeis é um ato de humildade a que um outro, mais delicado do que vós, poderia rebaixar-se algumas vezes.

ELE – Entendamo-nos. Trata-se de lamber o cu no próprio e de lamber o cu no figurado. Pedi ao gordo Bergier que lamba o cu da Senhora De La Marque no próprio e no figurado; e, palavra de honra, neste caso, tanto o próprio como o figurado me desagradariam.

EU – Se o expediente que vos sugiro não vos convém, tende, então, a coragem de ser mendigo.

ELE – É duro ser mendigo enquanto há tolos opulentos a cujas expensas pode-se viver. E, além disso, é insuportável desprezar-se a si mesmo.

*Para que o leitor possa sentir mais plenamente a contundência dessa passagem e entender a radicalidade dessa sabedoria e o alcance da metáfora, vale ressaltar aqui dois aspectos: o primeiro, que o termo francês usado pelo sobrinho na frase lapidar é o vulgar e agressivo “cul”, e não “fesse”, que significa “nádega” ou “bunda”; o segundo aspecto é saber que a referida “pequena Hus” fora uma personagem da alta sociedade parisiense do Antigo Regime, cheia de dinheiro e poder, porém, frívola, sem nenhum talento ou qualidade moral especial. Em outras palavras, um sábio da estirpe do sobrinho deve se submeter a qualquer humilhação, se o resultado material desta lhe for rentável (Piva, 2021, p. 312).*

Esse drama de que Rameau se lastima, refere-se ao fato de ter sido expulso pela atriz da casa de Bertin-Hus, “por ter tido senso comum uma vez, uma única vez na vida” (p. 118). Mais tarde, em 1760, por conta de seu envolvimento com um jovem amante, Hus também foi expulsa da casa de Bertin, sendo carregada por uma simples carroça e com nada além do que ela pudesse carregar consigo dentro do vestido. Casou-se com Lelièvre, um nobre francês, mas se divorciou tempos depois. Passou a ser conhecida por sua filantropia e, embora tenha se aposentado com fortuna feita e recebido auxílio de seus ex-companheiros, há registros de que tenha morrido em relativa pobreza. Apesar da falta de relação, mas como uma jura de desejo impensado e involuntário entre o mundo real e irreal, esse fato bem retrata as últimas falas de Rameau no diálogo, quando se despede para ir à Ópera (p. 199):

ELE – Que essa desgraça dure pelo menos quarenta anos. Ri melhor quem ri por último.

Mesmo vacilando diante das provocações do Sobrinho, Diderot mantém-se firme em rejeitar suas teses (p.187):

EU – Porque temo que só concordemos em aparência e que se entrarmos na discussão dos perigos e inconvenientes a evitar não nos entenderemos mais.

O Filósofo evita aceitar a falência da Razão, que seria uma consequência direta de abraçar as ideias do Sobrinho. Apesar das dúvidas que o Sobrinho suscita, o “EU”, em uma posição defensiva, desvia o foco da discussão para a música, pois afinal, o próprio Sobrinho havia admitido ser um “miserável arranhador de cordas”, cuja razão também se associa ao espaço social (p. 182). No fim, Diderot parece desistir da luta filosófica e o Sobrinho encerra o diálogo de forma espirituosa, despedindo-se para ir à Ópera.

Diderot capta a sua interpretação filosófica da arte em 'O Sobrinho de Rameau' num diálogo em que defende que esta responde ao princípio do imitativo, isto é, reciamos a partir da experiência e não partimos do zero, o que por sua vez mostra que a aprendizagem nos torna iguais e que não estamos predestinados a realizar uma atividade determinada pela nossa condição biológica. Consequentemente, afeta os direitos políticos que devem ser exercidos por todos igualmente, uma vez que não existe direito herdado através do sangue. Isso porque nem a nobreza nem qualquer conhecimento são herdados, de tal forma que Diderot se mostra aqui como um firme defensor da democracia e da humanidade. Mas devido à natureza excepcional do talento artístico, Diderot não tem a certeza de que não exista uma certa predeterminação na posse do conhecimento, o que significaria passar por um raciocínio inverso ao anterior e que levaria a justificar o poder da aristocracia.

Na verdade, Diderot faz uma crítica contundente à aristocracia francesa, retratando-a como corrupta e decadente. Personagens como o sobrinho de Rameau, que prosperam bajulando os gostos dessa elite, ilustram essa degradação. A obra, com sua denúncia da moralidade distorcida da época, teria certamente atraído censura oficial. Embora relatos de que Diderot e seu editor tenham eventualmente conseguido contornar a repressão, essa atmosfera pode ter influenciado a decisão de não publicar a obra "O Sobrinho de Rameau" durante a vida do autor.

# Sobre a Verdade e Mentira no sentido Extra-Moral

**Maikom Joaquim Barbosa Ecard da Silva**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Espírito Santo  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8540-5220>  
Email: maikom.ecard@ifes.edu.br

**Thalyta Botelho Monteiro**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Espírito Santo  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8856-5038>  
Email: thalyta.monteiro@ifes.edu.br

**Carla Ribeiro Macedo**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Espírito Santo  
<https://orcid.org/0009-0007-2032-5987>  
Email: carla.macedo@ifes.edu.br

**Welerson Machado da Silva**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Espírito Santo  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7290-8910>  
E-mail: welerson.silva@ufv.br

**Rodrigo Correia Muniz**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-2588-2954>  
Email: correiamuniz@yahoo.com.br

**Jolúcia Santos de Jesus**  
Universidade Federal de São Carlos  
<https://orcid.org/0000-0003-3137-0947>  
Email: jolucia@estudante.ufscar.br

**Flavio Costa de Cerqueira**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Espírito Santo  
<https://orcid.org/0009-0001-0268-1896>  
E-mail: flacoscer@hotmail.com

**Gizeli Aparecida Fazanaro Casimiro**  
Universidade Federal de São Carlos  
<https://orcid.org/0009-0004-5773-1725>  
Email: gizeli\_f@hotmail.com

*Texto Base: NIETZSCHE, Friedrich. Sobre a Verdade e Mentira no sentido Extra-Moral. In Nietzsche, Os Pensadores, S.P.: Ed. Abril, 1983. pp. 42-52.*

Na obra "Sobre a verdade e a mentira em um sentido extra-moral", Nietzsche busca uma perspectiva abrangente da existência humana e conclui rejeitando a ideia de constantes universais. Trata-se de uma crítica afiada ao conceito de verdade universal e ao papel da linguagem na construção do que entendemos como "realidade". Nietzsche questiona profundamente a ideia de uma verdade objetiva e destaca como a linguagem é uma metáfora que distorce a experiência direta, criando um véu entre nós e o mundo. Ele argumenta que o que chamamos de verdade é, muitas vezes, uma convenção social, uma "mentira" necessária para a coesão humana.

Assim, o ensaio investiga a natureza epistemológica da verdade objetiva e a formação de conceitos através da generalização de estímulos únicos. A indagação central de Nietzsche é como o impulso pela verdade pode surgir quando nossos intelectos têm como propósito o desenvolvimento de estratégias sociais para a sobrevivência, estratégias fundamentadas em diversas formas de engano e autoestima. Mas, o que Nietzsche quer dizer com "impulso pela verdade" e o que significa algumas verdades (e mentiras) serem "extramorais" ou "não morais"? Nessa perspectiva, Nietzsche questiona a origem do impulso pela verdade, especialmente quando o desenvolvimento de estratégias sociais para a sobrevivência é baseado em várias formas de engano e autoestima. Ele explora como esse impulso surge em contraste com a natureza ilusória das verdades não morais e a busca por verdades absolutas.

Para desenvolver seus argumentos e expor sua tese, o ensaio foi dividido em duas seções. Na primeira, Nietzsche utiliza uma alegoria da criação do conhecimento para enfatizar a fugacidade e a

falta de propósito do intelecto humano na natureza. Ele destaca a insignificância da cognição e lógica humanas, questionando a validade da linguagem e a criação arbitrária de convenções de "verdade" para facilitar a interação social. Na segunda seção, Nietzsche compara as vidas do homem racional e do homem intuitivo, destacando o potencial criativo do último.

Nietzsche inicia sua obra com uma alegoria da criação do conhecimento, enfatizando a fugacidade e a falta de propósito do intelecto humano na natureza. Em um breve contexto, segue afirmando: "Assim poderia alguém inventar uma fábula e nem por isso teria ilustrado suficientemente quão lamentável, quão fantasmagórico e fugaz, quão sem finalidade e gratuito fica o intelecto humano dentro da natureza" (p.53). O autor destaca a existência do universo antes e depois da presença humana, sugerindo que o intelecto opera para enganar o homem sobre sua importância no universo, imerso em ilusões e sonhos. Para ele, o homem está "imerso em ilusões e sonhos" porque os olhos detectam apenas "formas", mas não procuram a verdade. "Por isso o homem, à noite, através da vida, deixa que o sonho lhe minta, sem que seu sentimento moral jamais tentasse impedi-lo (p. 54).

Nietzsche acredita que o intelecto humano se envolve em um constante disfarce e dissimulação, ao descrever que o intelecto humano "desdobra suas forças mestras no disfarce" e "na dissimulação" (p. 53). Logo, a linguagem desempenha um papel crucial nesse processo, onde palavras arbitrariamente inventadas se tornam símbolos de designação, sendo usadas para fazer parecer o não efetivo como efetivo. Nessa perspectiva, Nietzsche documenta como as convenções da verdade são apenas formas de engano, ao questionar "o que se passa com aquelas convenções da linguagem? São talvez frutos do conhecimento, do senso de verdade: as designações e as coisas se recobrem? É a linguagem a expressão adequada de todas as realidades?" (p.55). Assim, no que diz respeito à linguagem, os objetivos não são a verdade, mas a uniformidade na categorização do que é e do que não é uma determinada coisa.

O autor aborda com ceticismo a busca por uma verdade substancial subjacente à realidade, argumentando que essa tentativa "congelaria" o fluxo incessante da realidade. Para ele, tal busca é uma forma de impor uma mentira ao que está em constante devir. Se a realidade é, de fato, um fluxo ininterrupto, como afirma Nietzsche, então aquilo que chamamos de "princípios universais" ou "substância" são apenas construções arbitrárias impostas por nós ao mundo. A realidade, segundo Nietzsche, é composta por indivíduos e particularidades, não por conceitos universais. Ele exemplifica essa perspectiva através da imagem de uma folha, destacando que cada folha é singular; o conceito de "folha" surge ao ignorarmos as diferenças entre cada uma, impondo uma ideia abstrata onde, na natureza, só há folhas individuais e distintas.

Esse conceito universal, então, não reflete uma forma original ou arquétipo, mas sim um modelo artificial criado pela mente humana ao desconsiderar o real e o individual. Nietzsche adota, assim, uma perspectiva nominalista, afirmando que universais ou conceitos não possuem fundamento metafísico ou ontológico, tampouco representam fielmente os objetos que visam descrever. Para Nietzsche, os conceitos são ficções criadas pela mente humana, construções linguísticas que refletem preocupações práticas e orientações morais específicas, não a verdade da realidade em si; eles representam, no fundo, uma metáfora antropomórfica da nossa percepção.

As palavras, para Nietzsche, são "trocias arbitrárias" que os humanos fazem mau uso para criar convenções e modificar comportamentos para se adequar à sociedade. Ele argumenta que, quando as pessoas utilizam termos arbitrários de maneira errada, a linguagem se torna moralmente ponderada de acordo com normas sociais e legais, transformando o engano em aceitável, desde que não cause danos. Assim, "o mentiroso usa as designações válidas, as palavras, para fazer aparecer o não efetivo como efetivo". Com isso, "ele faz mau uso das firmes convenções por meio de trocas arbitrárias ou mesmo inversões dos nomes" (p.54). Esses termos sociais inventados são reguladores do comportamento que modificam e mudam a forma como os cidadãos agem para se adequarem ao molde pacífico da sociedade. É com as normas legais e sociais que a linguagem se torna moralmente ponderada, quando de outra forma seria neutra. As pessoas não se opõem tanto às mentiras, mas sim ao dano, e assim pode-se descobrir que os humanos realizam voluntariamente usos enganosos da linguagem e das ações e fazem com que isso seja aceito, se não for prejudicial à sociedade.

A invenção das palavras, segundo o filósofo, ocorre para articular observações subjetivas e estímulos de memórias, não visando a verdade, mas a uniformidade na categorização do que é e do que não é uma determinada coisa. Ele argumenta que as palavras equivocam falsamente coisas e sensações únicas sob o mesmo conceito, resultando em memórias entrelaçadas em descrições de metáforas construídas sobre metáforas mais antigas.

A tese principal de Nietzsche é a rejeição da ideia de constantes universais e a exploração da origem do impulso pela verdade, expondo que a busca por verdades não morais, inicialmente por sobrevivência e posteriormente como celebração da vida, contrasta com a busca por verdades absolutas. Sua tese se resume em que a "verdade" é estabelecida como um "acordo de paz" entre os indivíduos para facilitar a interação social, mas Nietzsche destaca que essa construção é arbitrária e esquecida pelo homem ao acreditar possuir uma noção de verdade (p. 54).

No diálogo final sobre a verdade e a mentira no sentido não moral, Nietzsche destaca a conexão entre arte e ciência. Ele sugere que, se tudo que conceituamos são metáforas e mentiras que impomos a nós mesmos,

então tanto a ciência quanto a arte são imposições à nossa realidade. A ciência tenta retratar metáforas como verdade, enquanto a arte, representando constantemente o desejo de moldar o mundo, não se atreve a enganar-se como verdade.

Ao analisar a obra, percebemos que Nietzsche aponta para a existência de argumentos metafísicos superiores, embora uma representação perfeita da verdade através da linguística seja considerada impossível. No entanto, ele sugere que, mesmo que nenhuma interpretação seja totalmente satisfatória, algumas interpretações fazem mais justiça ao tema da interpretação. O filósofo também desloca o argumento das questões epistemológicas padrão sobre a natureza e o valor da verdade para a origem do desejo de procurar a verdade. Ele destaca a importância dessa questão, frequentemente ignorada por estudos mais empíricos contemporâneos, que buscam descobertas científicas sem questionar a raiz desse impulso exploratório humano.

Por fim, vale então refletir que, se Nietzsche vivesse em nossos tempos, marcados pela explosão de informações, redes sociais e a manipulação constante de narrativas, provavelmente veria uma intensificação das mesmas questões que abordou no passado. O filósofo criticaria o modo como a verdade é construída e desconstruída na era digital, onde "verdades" são produzidas em massa, muitas vezes para atender a interesses específicos, enquanto a realidade fluida que ele descreveu permanece inalterada. Ele poderia observar que, em um mundo saturado de dados e opiniões, o impulso humano pela verdade se tornou ainda mais fragmentado e relativo, o que reforça sua visão de que a verdade é uma convenção social, não um reflexo da realidade. Em uma era onde a ciência e a tecnologia buscam verdades universais, e ao mesmo tempo criam simulações e metáforas digitais da vida, Nietzsche talvez reforçasse que tanto a ciência quanto a arte são formas de impor significados ao caos do mundo. Ele, possivelmente, adaptaria suas teorias ao cenário atual, enfatizando que, agora mais do que nunca, precisamos reconhecer a artificialidade das nossas construções de verdade, desafiando as pretensões absolutistas que ainda moldam nossas percepções. Assim, ele continuaria a questionar o impulso humano por "verdades", alertando-nos para não esquecermos que toda verdade é uma metáfora, e não a realidade em si.

# A Construção das Ciências

**Maikom Joaquim Barbosa Ecard da Silva**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Espírito Santo  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8540-5220>  
Email: maikom.ecard@ifes.edu.br

**Thalyta Botelho Monteiro**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Espírito Santo  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8856-5038>  
Email: thalyta.monteiro@ifes.edu.br

**Carla Ribeiro Macedo**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Espírito Santo  
<https://orcid.org/0009-0007-2032-5987>  
Email: carla.macedo@ifes.edu.br

**Welerson Machado da Silva**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Espírito Santo  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7290-8910>  
E-mail: welerson.silva@ufv.br

**Rodrigo Correia Muniz**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-2588-2954>  
Email: correiamuniz@yahoo.com.br

**Jolúcia Santos de Jesus**  
Universidade Federal de São Carlos  
<https://orcid.org/0000-0003-3137-0947>  
Email: jolucia@estudante.ufscar.br

**Flavio Costa de Cerqueira**  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Espírito Santo  
<https://orcid.org/0009-0001-0268-1896>  
E-mail: flacoscer@hotmail.com

**Gizeli Aparecida Fazanaro Casimiro**  
Universidade Federal de São Carlos  
<https://orcid.org/0009-0004-5773-1725>  
Email: gizeli\_f@hotmail.com

*Texto Base: FOUREZ, Gérard. A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo: Editora UNESP, 1995. Cap. 02.*

Gérard Fourez argumenta em favor da autenticidade e da relevância dos múltiplos tipos de conhecimento, sublinhando a necessidade de aprendermos a coexistir e a interagir com essas distintas formas de saber em nosso dia a dia. Suas reflexões sobre a essência da ciência, sua trajetória, ética e seu papel na sociedade evidenciam tanto a inegável e essencial relevância da prática científica ao longo da história quanto uma sensibilidade para o fato de que existem diversos outros saberes valiosos que permeiam as culturas humanas, incluindo conhecimentos de caráter religioso, artístico, emocional e ético. Dessa forma, o autor se caracteriza como uma verdadeira expressão de singular plural.

"A Construção das Ciências" de Gérard Fourez é uma obra que mergulha nas complexidades da filosofia e ética das ciências. O autor explora como o conhecimento científico é construído, questionando as bases epistemológicas e éticas que sustentam as práticas científicas.

Fourez aborda temas como a relação entre observação e teoria, destacando como as ciências evoluem através da interação dinâmica entre esses elementos. Além disso, ele examina a influência da sociedade na formação e direção da ciência, levantando questões éticas cruciais relacionadas à pesquisa e ao uso do conhecimento científico.

A obra oferece uma reflexão profunda sobre o papel da ciência na sociedade, incentivando o leitor a considerar não apenas o que a ciência pode fazer, mas também como ela deve ser praticada de maneira ética e responsável. Logo, instiga a uma análise crítica sobre o papel da ciência, questionando a concepção de verdade absoluta. Fourez propõe uma reflexão pessoal e autônoma, destacando a importância de considerar a filosofia e

ética das ciências para cientistas e não cientistas. Sua abordagem visa libertar os leitores de esquemas interpretativos pré-estabelecidos, promovendo uma visão renovada.

No capítulo 2 (Reflexões Epistemológicas/O Método Científico: A Observação) - foco deste estudo - Fourez mergulha nas complexidades da observação científica, desmistificando a ideia de uma visão neutra do mundo, destacando que a observação não é uma atividade puramente passiva, mas é uma organização da visão, enraizada em interesses específicos. Ele argumenta que a observação é uma interpretação, integrando o que é visto às noções pré-existentes. Além disso, ressalta que as relações de observação são contextualmente dependentes, mudando de significado conforme o contexto teórico.

A interconexão entre observação, teoria e linguagem é enfatizada, revelando que observar é estruturar um modelo teórico. Fourez desafia a noção de observação como um ponto de partida indiscutível da ciência, ressaltando que toda observação é culturalmente condicionada. Ele introduz a ideia de um "sujeito científico" ligado a uma abordagem específica, enfatizando a natureza construída da observação científica.

O autor desmistifica a ideologia da "observação fiel dos fatos", expondo como ela encobre a subjetividade inerente à observação. A noção de objetividade absoluta é questionada, e Fourez enfatiza que a confiança na observação é afetiva e subjetiva. Ele conclui deslegitimando a visão da ciência como absoluta, incentivando uma valorização do seu aspecto construído pelos humanos.

Esses insights desafiam a concepção tradicional da observação como uma janela objetiva para a realidade, destacando sua natureza culturalmente enraizada e suas complexas interações com a linguagem e as teorias científicas.

Assim, a principal questão observada é a noção de verdade absoluta na ciência, levando o leitor à centralidade do seguinte questionamento: até que ponto podemos considerar a ciência como uma narrativa incontestável sobre a realidade? Essa dúvida surge da provocação feita por Gérard Fourez, que questiona a visão de uma ciência objetiva e imparcial, incentivando uma reflexão sobre as bases epistemológicas e éticas das práticas científicas.

Ao explorar os argumentos apresentados por Fourez, percebe-se a ênfase na natureza teórica da observação científica, onde a construção de modelos teóricos influencia diretamente a interpretação de fenômenos. Além disso, a análise das mudanças nos modelos teóricos ao longo da história científica destaca a influência de fatores diversos, indo além de razões lógicas, e conectando-se a elementos históricos, técnicos, afetivos e sociais. Fourez também discute a importância da linguagem, objetos e

definições na ciência, destacando como esses elementos podem moldar e, por vezes, limitar nossa compreensão do mundo.

A tese central de Gérard Fourez é a defesa da autonomia crítica dos indivíduos diante do conhecimento científico. Com isso, busca promover uma reflexão pessoal e autônoma, alegando que cada leitor já possui uma filosofia própria, consciente ou não. Sua abordagem visa libertar os leitores de esquemas interpretativos pré-estabelecidos, incentivando uma visão renovada e crítica das práticas científicas. A tese do autor também se estende à importância da interdisciplinaridade na ciência, reconhecendo a necessidade de abordagens multifacetadas para uma compreensão mais ampla dos problemas cotidianos.

Numa visão geral da obra, podem-se observar como destaque as seguintes narrativas:

1. **Observação e Construção Teórica:** Fourez destaca a natureza teórica da observação na ciência, argumentando que observar é estruturar um modelo teórico dependente de referenciais. As relações de observação variam com o contexto teórico, enfatizando a influência da visão teórica na percepção.
2. **Mudanças nos Modelos Teóricos:** A obra explora as mudanças nos modelos teóricos científicos, destacando que a mudança ocorre não apenas por razões lógicas, mas também por considerações práticas e atrativos de diferentes interpretações.
3. **Construção do Conhecimento Científico:** Fourez argumenta que o conhecimento científico é construído através de reflexões, debates e considerações históricas, técnicas, afetivas, políticas e econômicas. Ressalta que a ciência não é apenas representativa, mas também impulsiona ações e poder.
4. **Linguagem, Objetos e Definições:** A importância da linguagem na ciência é destacada, afastando-se de um relativismo ingênuo. Fourez discute como definições científicas, embora essenciais, podem endurecer conceitos, silenciando questionamentos e contribuindo para uma visão dogmática do conhecimento científico.
5. **Disciplinas Científicas e Interdisciplinaridade:** O autor explora a origem das disciplinas científicas a partir das demandas sociais, evidenciando a importância da interdisciplinaridade para obter enfoques originais e uma compreensão mais ampla dos problemas cotidianos.

Enfim, Gérard Fourez destaca a relação intrínseca entre ciência, ética e ideologia. Ele defende que o conhecimento científico pode libertar da

influência ideológica, desde que analisado criticamente. O autor incentiva ainda, a uma abordagem historicamente situada da ciência, reconhecendo-a como passível de crítica. Seu legado para a Educação em Ciências reside na promoção do respeito à diversidade, pluralismo de ideias e no desenvolvimento de professores acessíveis e acolhedores diante das distintas realidades de seus alunos.

Fourez propõe uma reflexão profunda sobre a dimensão social do intelecto humano, argumentando que nossa compreensão dos fatos é mediada por esquemas conceituais já montados, que se encaixam em representações preexistentes. Essa abordagem sugere que a descrição dos objetos não é uma apreensão direta da sua essência, mas uma representação que inevitavelmente altera o que se observa. Assim, o ato de observar torna-se sinônimo de representar, implicando que nunca se chega à verdadeira natureza do objeto.

Nesse sentido, Fourez examina a complexidade do conhecimento e da busca pela verdade, observando que as provas que validam os fatos são, na vertederosidade, leituras particulares do mundo, alicerçadas em esquemas e empíricos. Isso leva a um processo semelhante a "puxar-se pelos cabelos" para escapar de um terreno movediço. Dessa forma, surgem "ilhas de racionalidade", onde cada verdade é válida apenas sob determinadas premissas, e a existência de premissas é sempre uma constante.

Enquanto a ciência é muitas vezes exaltada como a autoridade máxima na distinção entre verdade e mentira, Fourez a considera uma construção social que busca a objetividade. No entanto, essa objetividade se confronta com os esquemas teórico-empíricos que o observador já possui. A revolução copernicana trouxe uma nova perspectiva, ressaltando que o sujeito também é um objeto de representação, carregando em si características e esquemas que apenas tocam superficialmente o objeto em questão. A busca pelo conhecimento, portanto, encontra limites na própria construção da razão, com a ciência sendo apenas uma das muitas abordagens possíveis.

A legitimidade do conhecimento se torna um fator importante, uma vez que tanto a comunidade científica quanto a sociedade em geral tendem a validar apenas os saberes provenientes dessas ilhas de conhecimento. Contudo, o sentimento de realidade é subjetivo e afetivo, conferindo-nos uma confiança na maneira como percebemos o mundo. A validação pela comunidade científica, embora importante, pode transformar esses saberes, já permeados por pré-conceitos e premissas, em sinônimos de verdade. Qualquer visão que se desvie dessas "verdades legítimas" pode ser considerada insana ou simplesmente não ter espaço no debate público.

Assim, a obra de Gérard Fourez nos convida a repensar o papel da ciência e do conhecimento na sociedade contemporânea, desafiando-nos a reconhecer a pluralidade das formas de saber que coexistem em nossas vidas. Ao enfatizar que a ciência não é uma entidade isolada, mas uma

construção social permeada por esquemas e premissas, Fourez nos incita a questionar as verdades que muitas vezes aceitamos sem reflexão. Essa abordagem nos lembra que o entendimento humano é sempre mediado por contextos culturais e históricos, exigindo uma apreciação crítica não apenas das verdades científicas, mas também das diversas maneiras de conhecer e compreender o mundo. Em tempos em que a polarização do conhecimento e a busca por certezas absolutas se tornam cada vez mais comuns, as ideias de Fourez ressaltam a importância de um diálogo aberto e respeitoso entre diferentes formas de saber, promovendo uma convivência mais harmoniosa e inclusiva em nossas comunidades.

# Investigação Científica: Invenção e Verificação

**Maikom Joaquim Barbosa Ecard da Silva**  
 Instituto Federal de Educação, Ciência e  
 Tecnologia do Espírito Santo  
 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8540-5220>  
 Email: maikom.ecard@ifes.edu.br

**Thalyta Botelho Monteiro**  
 Instituto Federal de Educação, Ciência e  
 Tecnologia do Espírito Santo  
 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8856-5038>  
 Email: thalyta.monteiro@ifes.edu.br

**Carla Ribeiro Macedo**  
 Instituto Federal de Educação, Ciência e  
 Tecnologia do Espírito Santo  
<https://orcid.org/0009-0007-2032-5987>  
 Email: carla.macedo@ifes.edu.br

**Welerson Machado da Silva**  
 Instituto Federal de Educação, Ciência e  
 Tecnologia do Espírito Santo  
 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7290-8910>  
 E-mail: welerson.silva@ufv.br

**Rodrigo Correia Muniz**  
 Universidade Federal do Espírito Santo  
 Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-2588-2954>  
 Email: correiamuniz@yahoo.com.br

**Jolúcia Santos de Jesus**  
 Universidade Federal de São Carlos  
<https://orcid.org/0000-0003-3137-0947>  
 Email: jolucia@estudante.ufscar.br

**Flavio Costa de Cerqueira**  
 Instituto Federal de Educação, Ciência e  
 Tecnologia do Espírito Santo  
<https://orcid.org/0009-0001-0268-1896>  
 E-mail: flacoscer@hotmail.com

**Gizeli Aparecida Fazanaro Casimiro**  
 Universidade Federal de São Carlos  
<https://orcid.org/0009-0004-5773-1725>  
 Email: gizeli\_f@hotmail.com

*Texto Base: HEMPEL, G. C. Investigação científica: invenção e verificação. 2ª ed. In: HEMPEL, G. C. Filosofia da Ciência Natural, Rio de Janeiro: Zahar, 1974. pp. 13-31.*

A ciência, notável empreendimento humano, conquistou êxitos extraordinários. A exploração do método científico visa compreender as atividades fundamentais que conduzem a esses triunfos. Dentre as práticas frequentemente atribuídas à ciência, destacam-se a observação e experimentação sistemáticas, o raciocínio indutivo e dedutivo, bem como a formulação e testagem de hipóteses e teorias, os quais constituem pilares fundamentais na prática científica. Os detalhes da execução dessas atividades podem variar substancialmente, como analisado neste estudo a partir das perspectivas apresentadas por Hempel em "Investigação científica: invenção e verificação".

Na verdade, a ciência é uma empreitada humana de desempenho notável, buscando compreender e explicar a complexidade do mundo ao nosso redor. A investigação de métodos científicos visa elucidar as dinâmicas que tornam essas atividades bem-sucedidas. No entanto, a execução desses métodos pode variar significativamente entre disciplinas e contextos, refletindo a diversidade das questões que a ciência busca responder. Hempel enfatiza que a validade do conhecimento científico não reside apenas nos métodos utilizados, mas também na capacidade de crítica e autoavaliação dos próprios cientistas, que devem estar abertos à revisão de suas teorias à luz de novas evidências. Essa flexibilidade é essencial, pois a ciência não é um produto acabado, mas um processo contínuo de descoberta e inovação, onde cada resultado, seja ele positivo ou negativo, contribui para o avanço do conhecimento.

Em sua obra, Hempel descreveu o procedimento de Semmelsweiss como o exame de várias hipóteses que explicam a causa da febre puerperal. Algumas hipóteses conflitavam com fatos observáveis e

poderiam ser imediatamente rejeitadas como falsas. Outros precisavam ser testados experimentalmente, deduzindo quais eventos observáveis deveriam ocorrer se a hipótese fosse verdadeira, o que Hempel chamou de implicações de teste da hipótese, conduzindo então um experimento e observando se as implicações de teste ocorreram ou não. Se o experimento mostrasse que a implicação do teste era falsa, a hipótese poderia ser rejeitada. Entretanto, o experimento mostrou que as implicações do teste eram verdadeiras, mas isso não provou que a hipótese era verdadeira. A confirmação de uma implicação de teste não verifica uma hipótese, embora Hempel tenha admitido que “fornece pelo menos certo suporte, alguma corroboração ou confirmação dela” (p. 19). O grau deste apoio depende então da quantidade, variedade e precisão das provas de apoio.

A questão de Hempel neste ensaio é a seguinte: “como se chegam a hipóteses (científicas) apropriadas?” (p. 21). Na visão que Hempel se opõe, à qual ele chama de a estreita concepção indutivista da investigação científica, as hipóteses são consideradas como “inferidas a partir de dados previamente coletados por meio de um procedimento chamado inferência indutiva” (p. 21), isto é, generalizadas a partir de observações iniciais de coisas particulares. Como Hempel explica, a ideia parece ser que a investigação científica ocorre numa série de fases distintas, que ele identifica da seguinte forma (p. 23): (1) “observação e registro de todos os fatos”, (2) “análise e classificação desses fatos”, (3) “derivação indutiva de generalizações a partir deles” e (4) “verificação adicional das generalizações”. É importante ressaltar que os estágios 1 e 2 não devem envolver quaisquer hipóteses – presumivelmente porque isso distorceria a investigação. A objeção implícita é a de que partir de hipóteses distorceria a investigação.

O primeiro ponto realmente interessante de Hempel surge depois de ele sugerir que a fase 1 deve realmente envolver apenas a observação e o registro de todos os fatos relevantes, porque não se pode realmente esperar observar e registrar todos os fatos. Há simplesmente muitos deles e, se objetiva chegar ao estágio 2, é melhor que o estágio 1 estabeleça uma tarefa que um dia realmente poderá realizar. Hempel imagina o seu oponente sugerindo que comece por recolher todos os fatos que são relevantes para algum problema, em vez de para alguma hipótese – o que mais uma vez – supostamente, distorceria a investigação. Embora a sugestão inicialmente pareça promissora, especialmente ao supor como provavelmente deveria, então que seja suficiente recolher apenas uma grande quantidade de fatos relevantes, em vez de literalmente envolver todos eles. Nessa perspectiva, Hempel afirma que na verdade não está claro como isso deveria funcionar.

Para Hempel, a razão é “que tipos específicos de dados é razoável recolher não são determinados pelo problema em estudo, mas por uma tentativa de resposta a ele que o investigador considera na forma de uma conjectura ou

hipótese” (p. 24). Logo, ilustra com o caso de Semmelweis, descrevendo que dada a conjectura de que a mortalidade por febre puerperal foi aumentada pela aparência aterrorizante do padre e seu assistente com o sino da morte, era relevante coletar dados sobre as consequências de fazer o padre mudar de nome, rotina; mas teria sido totalmente irrelevante verificar o que aconteceria se médicos e estudantes desinfetassem as mãos antes de examinarem os seus pacientes. No que diz respeito à eventual hipótese de contaminação de Semmelweis, os dados deste último tipo eram claramente relevantes e os do primeiro tipo totalmente irrelevantes” (p. 24). Contudo, o que é crucial para o argumento de Hempel é que em ambos os casos Semmelweis estava a investigar precisamente o mesmo problema, nomeadamente, a causa da morte por febre puerperal.

Hempel faz uma observação semelhante sobre o estágio 2, em que o problema não é que, sem uma hipótese, não saberemos quais os fatos que são relevantes para a nossa investigação, mas sim que não saberemos como classificá-los. A objeção aqui é apenas que qualquer conjunto de fatos pode ser classificado de um número indefinido de maneiras em que, embora a ciência não seja totalmente objetiva, permeia a representatividade do objetivo, visto que “fatos’ ou dados empíricos só podem ser qualificados como logicamente relevantes ou irrelevantes relativamente a uma dada hipótese e não relativamente a um dado problema” (p. 24). Para o pensador, “sem hipóteses, análise e classificação são cegas” (p. 26).

No estágio 3 de Hempel, a derivação indutiva de generalizações de dados previamente analisados é, possivelmente, considerado de modo significativo mais difícil. Assim, o ponto chave aqui é que a formulação de uma teoria científica não é simplesmente uma questão de formular generalizações sobre tipos de coisas com base em observações recolhidas de coisas específicas desses tipos. Isto é evidente, sugere o autor, no fato de a teoria ser formulada utilizando termos que se referem a coisas que muitas vezes, se não sempre, normalmente não observamos e, por vezes, não podemos observar diretamente. Hempel cita como “exemplo as teorias sobre a estrutura atômica e subatômica da matéria contêm termos como ‘átomo’, ‘elétron’, ‘próton’, ‘nêutron’, ‘função psi’, etc.; no entanto, baseiam-se em descobertas laboratoriais sobre os espectros de vários gases, rastros em nuvens e câmaras de bolhas, aspectos quantitativos de reações químicas, e assim por diante – todos os quais podem ser descritos sem o uso desses ‘termos teóricos’” (p. 26).

É desta transição, das propriedades diretamente observáveis ou detectáveis cientificamente de uma coisa para os seus “poderes secretos”, que Hempel está a falar. Então talvez possamos entender por que Hempel diz o que diz, ou seja, que “a transição dos dados para a teoria requer imaginação criadora. As hipóteses e teorias científicas não são derivadas de fatos observados, mas inventadas com o fim de explicá-las”. Nesse sentido, a ciência pode ser observada como uma arte, mas com cautela

aos “palpites felizes” (p. 27). Implicitamente, no estágio 4, o desafio é admitir isto e ao mesmo tempo manter que a ciência proporciona conhecimento genuíno, conhecimento daquilo que ainda podemos chamar de verdade objetiva, isto é, conhecimento generalizado dos fatos. Enfim, Hempel relata sobre os aspectos importantes da investigação científica, que realiza diversas suposições e testes para chegar à invenção da descoberta científica. A formulação dessa descoberta envolve frequentemente a formulação de hipóteses, testes de previsões e uma pesquisa interdisciplinar no mundo real. O filósofo tenta dizer que se deve formular uma boa hipótese, testar as condições possíveis e chegar à conclusão, observando cada situação minuciosamente e depois de compreender os problemas, formular a hipótese.

As críticas de Carl Hempel ao critério da realizabilidade do significado tiveram um impacto significativo no campo da filosofia da ciência. Ele argumentou que, embora muitas leis científicas possam ser expressas em generalizações universais, elas não se conformam a um critério absoluto de significado. A ênfase na capacidade de realização e na operacionalização pareceu excessivamente restritiva, incapaz de abarcar plenamente os objetivos e as práticas científicas convencionais. Além disso, Hempel apontou a fraca conexão entre essas reconstruções teóricas e a prática científica real, evidenciando que, em muitos casos, as metodologias científicas são reestruturadas em funções meramente metodológicas. Por exemplo, as medições, em vez de serem entendidas como reflexos diretos de uma realidade objetiva, são vistas como instrumentos que atribuem significado aos termos utilizados na ciência. Assim, o objetivo do filósofo da ciência, segundo Hempel, não deve ser apenas a compreensão dos métodos científicos em si, mas sim a utilização desses métodos para uma reconstrução crítica que envolva suas teorias, significados e as complexas relações que mantêm com o mundo. Essa abordagem busca revelar não apenas o funcionamento da ciência, mas também os pressupostos que a sustentam, contribuindo para uma compreensão mais profunda e reflexiva do empreendimento científico.

# A Transação da Sala de Chá

**Maikom Joaquim Barbosa Ecard da Silva**  
 Instituto Federal de Educação, Ciência e  
 Tecnologia do Espírito Santo  
 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8540-5220>  
 Email: maikom.ecard@ifes.edu.br

**Thalyta Botelho Monteiro**  
 Instituto Federal de Educação, Ciência e  
 Tecnologia do Espírito Santo  
 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8856-5038>  
 Email: thalyta.monteiro@ifes.edu.br

**Carla Ribeiro Macedo**  
 Instituto Federal de Educação, Ciência e  
 Tecnologia do Espírito Santo  
<https://orcid.org/0009-0007-2032-5987>  
 Email: carla.macedo@ifes.edu.br

**Welerson Machado da Silva**  
 Instituto Federal de Educação, Ciência e  
 Tecnologia do Espírito Santo  
 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7290-8910>  
 E-mail: welerson.silva@ufv.br

**Rodrigo Correia Muniz**  
 Universidade Federal do Espírito Santo  
 Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-2588-2954>  
 Email: correiamuniz@yahoo.com.br

**Jolúcia Santos de Jesus**  
 Universidade Federal de São Carlos  
<https://orcid.org/0000-0003-3137-0947>  
 Email: jolucia@estudante.ufscar.br

**Flavio Costa de Cerqueira**  
 Instituto Federal de Educação, Ciência e  
 Tecnologia do Espírito Santo  
<https://orcid.org/0009-0001-0268-1896>  
 E-mail: flacoscer@hotmail.com

**Gizeli Aparecida Fazanaro Casimiro**  
 Universidade Federal de São Carlos  
<https://orcid.org/0009-0004-5773-1725>  
 Email: gizeli\_f@hotmail.com

*Texto Base: HUMPHREYS L. A transação da sala de chá: Sexo impessoal em lugares públicos. In: A Observação Sociológica, Rio de Janeiro: Zahar, 1976. pp. 148-160.*

A obra "A Transação da Sala de Chá: Sexo Impessoal em Lugares Públicos," de Humphreys, é uma análise profundamente intrigante sobre a dinâmica da sexualidade humana, focando especialmente nos encontros homossexuais em banheiros públicos durante os anos 1960. Laud Humphreys, um sociólogo destemido, mergulhou nesse cenário, adotando uma abordagem etnográfica para desvendar as camadas sociais e comportamentais por trás desse fenômeno pouco explorado. Sua pesquisa provocadora, embora controversa, trouxe à tona questões cruciais sobre privacidade, estereótipos sociais e, acima de tudo, a complexidade das interações humanas em ambientes públicos.

Ao examinar as contribuições significativas de Humphreys, busca-se não apenas compreender o contexto histórico e social em que o estudo foi conduzido, mas também conectar suas descobertas às perspectivas contemporâneas sobre a sexualidade em espaços públicos. Em um mundo culturalmente mais tolerante, mas ainda repleto de desafios para a comunidade LGBTQ+, as implicações da pesquisa de Humphreys ressoam de maneiras inesperadas. Nessa perspectiva, este estudo explora a fundo o legado dessa obra, discutindo suas implicações éticas, as reações da sociedade à época e como sua análise do "escudo defensivo" de justiça ainda tem relevância nos debates atuais sobre a diversidade sexual. Pretende-se, portanto, adentrar nos meandros desta investigação pioneira, desvendando não apenas as práticas observadas nos "salões de chá" de Humphreys, mas também os debates éticos e sociais que ela desencadeou.

Nesse contexto, o cerne do estudo de Humphreys reside na abordagem corajosa de um problema profundamente enraizado nas estruturas sociais da década de 1960: os encontros homossexuais impessoais em banheiros públicos. Nesse período, a prática não apenas desafiava as normas sociais vigentes, mas também era alvo de detenções policiais, alimentando estereótipos e prejudicando o que hoje se intitula como comunidade LGBTQ+. O autor percebeu que o entendimento superficial desses eventos levava a julgamentos precipitados e crenças estigmatizantes, evidenciando a necessidade de uma exploração aprofundada e objetiva.

Um aspecto fundamental do trabalho de Humphreys é sua abordagem etnográfica, que revela como os indivíduos constroem significados e experiências em contextos públicos, muitas vezes à margem das expectativas sociais. Ele argumenta que, ao engajar-se em atividades sexuais em lugares públicos, os indivíduos não apenas buscam prazer, mas também a validação de suas identidades em um espaço compartilhado. Essa transação social transcende o simples ato físico, envolvendo uma complexa rede de relações e interações que refletem e, por vezes, subvertem as normas sociais estabelecidas.

Ao adotar uma abordagem etnográfica e argumentativa, Humphreys mergulhou nesse cenário complexo, conduzindo observações de participantes e entrevistas estruturadas para desvendar as camadas subjacentes a esses encontros. A sua análise sistematizada revelou não apenas as dinâmicas das interações, mas também desmantelou estereótipos arraigados. Contrariando expectativas, a pesquisa destacou que muitos participantes eram homens casados, desafiando a visão convencional de quem estava envolvido nessas práticas e evidenciando a lacuna entre a aparência social e as escolhas privadas.

Observa-se, portanto, que a tese fundamental de Humphreys reside na complexidade e na riqueza das interações humanas nos "salões de chá". Ele investiga como as interações humanas, especialmente aquelas de natureza sexual, podem se desenrolar em espaços onde o anonimato e a impessoalidade predominam. Sua análise vai além dos atos sexuais em si, mergulhando nas regras sociais, nos papéis desempenhados e na construção de uma estrutura normativa. A tese do autor sugere que a participação nessas práticas não é simplesmente uma busca hedonista, mas uma resposta a complexas dinâmicas sociais. O "escudo defensivo" de justiça mencionado por Humphreys destaca como os participantes, muitos deles com muito a perder socialmente, procuravam minimizar a exposição de suas vidas privadas e desvios sexuais. Além disso, Humphreys discute a importância da privacidade e do consentimento, enfatizando a necessidade de respeitar as fronteiras pessoais, mesmo em ambientes de aparente impessoalidade.

Assim, o estudo de tais questões, argumentos e teses desenvolvidas pelo autor não apenas esmiúça as suas descobertas, mas também destaca como sua pesquisa transcende as barreiras da época, provocando reflexões sobre a privacidade, estigma social e as motivações subjacentes aos comportamentos sexuais em ambientes públicos.

Logo, a incursão de Laud Humphreys nos intrincados meandros dos encontros homossexuais impessoais em banheiros públicos não apenas revela as nuances dessas práticas marginalizadas, mas também suscita reflexões essenciais sobre questões sociais e éticas. A obra transcende seu contexto histórico, ecoando relevância em discussões contemporâneas sobre privacidade, estigma e métodos de pesquisa.

No âmbito social, Humphreys desafia estereótipos arraigados, desvelando uma realidade complexa que vai além da superfície. O autor destaca que os participantes desses encontros eram muitas vezes homens casados, contrariando noções preconcebidas sobre quem estava envolvido nessas práticas. Essa desconstrução de estigmas é crucial para desafiar narrativas simplistas e promover uma compreensão mais compassiva das diversas expressões da sexualidade humana.

A ética na pesquisa é um fio condutor ao longo da obra, não apenas pelo compromisso inicial de Humphreys em proteger a privacidade dos participantes, mas também na análise crítica das consequências éticas de sua abordagem. A polêmica em torno da invasão de privacidade destaca a constante necessidade de ponderar sobre os limites éticos da pesquisa social. A discussão gerada por Humphreys sobre a ética na observação participante ressoa na academia até os dias de hoje, instigando reflexões sobre como equilibrar a necessidade de compreensão com a preservação da dignidade e privacidade dos participantes.

Além disso, a pesquisa de Humphreys transcende os limites da sexualidade para oferecer uma análise profunda das interações humanas e das dinâmicas sociais. A estrutura normativa dos encontros no "salão de chá" serve como um microcosmo que amplifica questões mais amplas de identidade, controle de informação e gestão de riscos em interações humanas cotidianas. Essa perspectiva mais ampla destaca como as experiências exploradas por Humphreys podem ser um espelho para melhor compreender as complexidades das interações sociais em diferentes contextos.

Ao final da leitura, a obra de Humphreys revela que a pesquisa sociológica não é uma busca isolada pelo conhecimento, mas uma responsabilidade ética e social, levando a questionar não apenas as práticas sociais observadas, mas também os métodos pelos quais se busca entendê-las. Em um mundo em constante evolução, as lições extraídas da pesquisa de

Humphreys continuam a ressoar, inspirando uma abordagem mais ética e reflexiva na investigação sociológica. Na contemporaneidade, marcada por discussões sobre privacidade, consentimento e as implicações das tecnologias digitais, é essencial que os sociólogos integrem as preocupações éticas em suas práticas de pesquisa. A obra de Humphreys nos lembra que a investigação não é apenas um exercício acadêmico, mas uma interação complexa entre observador e observado, e que a responsabilidade social do pesquisador deve guiar suas escolhas metodológicas. Ao revisitar esses princípios, podemos cultivar um entendimento mais profundo das dinâmicas sociais, promovendo um compromisso contínuo com a ética e a integridade na pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIDEROT, Denis. O Sobrinho de Rameau. In: CHAUÍ, M. S.; GUINSBURG, J. (Trad.). Diderot: textos escolhidos, Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 103 - 203.

FOUREZ, Gérard. A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo: Editora UNESP, 1995. Cap. 02.

HEMPEL, G. C. Investigação científica: invenção e verificação. 2ª ed. In: HEMPEL, G. C. Filosofia da Ciência Natural, Rio de Janeiro: Zahar, 1974. pp. 13-31.

HUMPHREYS L. A transação da sala de chá: Sexo impessoal em lugares públicos. In: A Observação Sociológica, Rio de Janeiro: Zahar, 1976. pp. 148-160.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre a Verdade e Mentira no sentido Extra-Moral. In Nietzsche, Os Pensadores, S.P.: Ed. Abril, 1983. pp. 42-52.

PIVA, Paulo Jonas de Lima. Cicutu é para os otários ou a sedutora liberdade do sobrinho de Rameau. Trans/Form/Ação, Marília, v. 44, n. 2, p. 301-324, Abr./Jun., 2021.

VASSOR, Bernard. Adélaïde Louise Pauline Hus de la Comédie-Française. Disponible sur: <http://autourduperetanguy.blogspot.com/archive/2011/01/22/adelaide-hus.html>. Consulté le 14 septembre 2024.

**SOBRE O  
AUTOR**



---

*ALÉM DO EMPÍRICO:  
REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE CIÊNCIA, VERDADE, ÉTICA E  
CONHECIMENTO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA*

---

## **SOBRE O AUTOR E ORGANIZADOR**

### **Maikom Joaquim Barbosa Ecard da Silva**

*Doutorando em Educação no Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos (PPGE/CECH/UFSCar). Mestre em Educação Profissional e Tecnológica no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT/IFES), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, na Linha de Pesquisa Práticas Educativas na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Possui Graduação em Letras: Português e Espanhol pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES/SP), Letras: Português e Inglês pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre (FAFIA/ES) e Artes Visuais pela Universidade de Jales (UNIJALES/SP).*

*É Especialista em Língua e Literatura Espanhola, Letras: Português e Literatura e Artes com ênfase na aprendizagem. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Filosofia, Educação e Sociedade (IF-Analytica), do Grupo de Pesquisa Geotechnology Applied To Global Environment (GAGEN/UFES) e do Grupo de Trabalho em Leitura e Contação de Histórias (GPELCH) da Universidade do Estado da Bahia. Atualmente é Professor Permanente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, lotado na Coordenadoria do Curso Técnico em Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio do IFES Campus Ibatiba. Ministra as disciplinas Língua Portuguesa/Literatura Brasileira e Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE) para brasileiras e brasileiros, pesquisando e identificando-se com as seguintes temáticas: Educação, Linguagem, Literatura e Cultura Brasileira, Festas Populares, Tecnologias Educacionais, Práxis Pedagógica e Afro Baianidades.*



<https://www.facebook.com/Synapse-Editora-111777697257115>



<https://www.instagram.com/synapseeditora>



<https://www.linkedin.com/in/synapse-editora-compartilhando-conhecimento/>



31 98264-1586



[editorasynapse@gmail.com](mailto:editorasynapse@gmail.com)

